

Esquina expresso: fragmentos da homossexualidade em tempos de ditadura

Esquina express: fragments of homosexuality in times of dictatorship

Paulo Henrique Ribeiro Ratti

Licenciado em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos.

Membro do Grupo de Estudos Sobre a Novíssima Ficção Portuguesa.

Orcid:

<https://orcid.org/0000-0001-5820-3618>.

Email:

phrratti@estudante.ufscar.br

Eliana da Conceição Tolentino

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Professora associada da Universidade Federal de São João del-Rei.

Orcid:

<https://orcid.org/0000-0001-6464-9640>.

Email: elianat@ufsj.edu.br

Submetido em: 01/04/2025

Aceito em: 05/08/2025

Publicado: 10/12/2025

e-Location: 19490

DOI: 10.28998/2317-9945.202586.295-313



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Paulo Henrique Ribeiro Ratti

Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

Eliana da Conceição Tolentino

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil.

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um modo de “ler” e “ver” fragmentos da homossexualidade em tempos de ditadura (1964-1985) em cartas de leitores do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). Pretendeu-se investigar as condições sócio-históricas nas quais essas missivas foram escritas; as suas principais finalidades; quem as escreveu/leu e os assuntos/temas que elas envolviam, a partir da perspectiva específica das cartas de leitores publicadas no *Lampião*, com base nas contribuições de Assunção (2007), Foucault (2004), Gomes (2004), Quinalha (2022), entre outros. A correspondência lampiônica caracteriza-se não apenas pela referência, mas também pela escrita de si. Verificou-se nesses fragmentos questões decisivas que marcaram a subjetividade da experiência homossexual no final da década de 1970 e início dos anos 1980, como: aceitar-se e assumir-se.

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*; cartas de leitores; escrita de si; homossexualidade; ditadura.

Abstract

The objective of this paper is to present a way of “reading” and “seeing” fragments of homosexuality during the dictatorship (1964–1985) in letters to the editor of the newspaper Lampião da Esquina (1978–1981). The study sought to investigate the socio-historical conditions in which these missives were written; their main purposes; who wrote/read them; and the subjects/themes they addressed, from the specific perspective of the letters to the editor

published in Lampião, based on the contributions of Assunção (2007), Foucault (2004), Gomes (2004), Quinalha (2022), among others. The Lampião correspondence is characterized not only by reference but also by the writing of the self. These fragments revealed decisive issues that shaped the subjectivity of the homosexual experience in the late 1970s and early 1980s, such as accepting oneself and coming out.

Keywords: *Lampião da Esquina*; letters to the editor; writing of the self; homosexuality; dictatorship.

INTRODUÇÃO

André Comte-Sponville introduz o ensaio *A correspondência*, presente no livro *Bom Dia, Angústia!*, com o seguinte questionamento: “Por que se escreve uma carta [uma literatura íntima, privada, secreta – e talvez o segredo da literatura]?” (1997, p. 35). Para o autor, a correspondência surge de uma dupla impossibilidade, entre fala e silêncio, entre comunicação e solidão: o missivista é alguém que não pode nem falar nem calar. “As pessoas se escrevem [...] o mais das vezes por causa da distância, da separação, de um espaço que as falas não podem transpor” (Comte-Sponville, 1997, p. 35).

“Escrevendo, é possível estar junto, próximo ao ‘outro’ através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados” (Gomes, 2004, p. 20). Escrevem-se para vencer o espaço, para “[...] informar, pedir, agradecer, desabafar, recordar, consolar, estimular, comemorar”, enfim, “há sempre uma razão ou razões para fazê-lo” (Gomes, 2004, p. 19).

No caso das cartas de leitores, por que um leitor de determinado jornal ou revista decide escrever para esses veículos de informação? De maneira geral, para tratar de um conteúdo temático publicado pelo jornal ou pela revista, porém, veremos que não somente em razão disso.

Do gênero epistolar, Philippe Lejeune (2008, p. 252) entende que a carta “[...] é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que pode ser publicado)”. Embora o foco de Lejeune tenha sido as questões éticas e patrimoniais da correspondência, Marcos Antônio de Moraes (2009, p. 116)

acentua que “Em torno de cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, valores simbólicos e indagações”.

Conforme Moraes, na condição de objeto cultural, a carta reporta a seu *mídiu*m e seus significados, a aspectos históricos e materiais da partilha epistolar. Concebida como ato, no sentido da representação teatral, a carta compõe-se de cenas nas quais circulam personagens, “O remetente assume ‘papéis’, ajusta ‘máscaras’ em seu rosto, reinventando-se (‘encenação’) diante de seus destinatários” (Moraes, 2009, p. 116). Em razão do seu caráter performativo, ela movimentava pensamentos, projetos, afeições. Enquanto texto, a carta é do interesse de distintas áreas do conhecimento, de “[...] olhares que desejam captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas” (Moraes, 2009, p. 116).

A carta, portanto, é um objeto/ato/texto cuja construção se dá no cruzamento entre o social e o individual, o público e o privado. “O trabalho de pesquisa dedicado à consolidação de um estatuto para o discurso epistolar tem-se detido, tão longamente quanto possível, sobre a correspondência entre personalidades públicas [...]”, observa Marília Rothier Cardoso, “[...] o que gratifica o lado *voyeur* dos pesquisadores” (2000, p. 333). Por exemplo, em *Prezado senhor, prezada senhora* (2000), publicado pela editora Companhia das Letras, prevalece o estudo da correspondência de Ana Cristina César, Fernando Pessoa, Mário de Andrade, entre outras.

“No entanto, o lado menos afoito e mais sistemático dos estudiosos instiga-os a considerar também o outro componente de seu objeto: as cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns” (Cardoso, 2000, p. 333). Além das cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns, têm interessado também a esses estudiosos, aos quais nos aproximamos, as cartas de leitores.

NA MESA, AS CARTAS DE LEITORES DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

Segundo Antônio Luiz Assunção (2007, p. 662), “As cartas de leitores são textos publicados dentro de um espaço específico nos meios de informação impressos. Caracterizam-se não só pelo tamanho como também por sua temática”. Afirmo o autor: “São cartas enviadas ao editor da publicação e estão organizadas sob uma rubrica.

Essa organização é feita pela edição da revista ou do jornal, de acordo com o meio onde elas foram publicadas” (Assunção, 2007, p. 662).

O *Lampião da Esquina* (1978-1981), por exemplo, apresentava-as numa seção denominada “Cartas na Mesa”. O jornal dava um título e uma resposta a cada uma delas. Geralmente,

[...] o que caracteriza essas cartas é a referência. As cartas de leitores tratam de questões ligadas aos trabalhos da revista para a qual escrevem. A intertextualidade, portanto, é uma característica marcante nessas cartas, à medida que o conteúdo das cartas publicadas diz respeito a uma temática, publicada anteriormente pela revista (Assunção, 2007, p. 662-663).

O plano do Conselho Editorial do *Lampião* era fazer desta seção “[...] uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal”; além disso, a depender da correspondência recebida, poderiam ser publicados até artigos e fotos, “[...] enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias [*sic*] que norteou a criação do jornal” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 14). Ou seja, a intenção do Conselho Editorial não era fazer de “Cartas na Mesa” uma seção típica, cujo objetivo fosse o de receber exclusivamente cartas de leitores que tratassem de questões referentes ao conteúdo do jornal; o intuito era reservar ao público um espaço para se expressar livremente a respeito do que desejasse.

“Cartas na Mesa” fez tanto sucesso que os lampiônicos passaram a interagir uns com os outros na/pela seção. No início, como não sabiam o endereço dos autores daquelas missivas, com os quais desejavam se corresponder, os leitores endereçavam cartas ao *Lampião* solicitando que o jornal as remetesse aos destinatários, ou que o jornal enviasse endereços de pessoas para trocaram cartas. Atendendo à sugestão de um leitor paulistano, em dezembro de 1978, criou-se a seção “Classificados sem caráter”. Os anunciantes tinham que enviar um texto com poucas palavras e um cheque no valor cobrado ou um vale-postal em nome da Esquina – Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. “Classificados sem caráter” esteve presente em algumas edições do jornal, mas foi pouco procurada pelos leitores.

Quase um ano depois, criou-se uma seção de anúncios exclusiva para os interessados em trocar correspondência, a qual se tornou muito requisitada: “Troca-

Troca". Nessa seção, de forma geral, os leitores informavam nome, idade, endereço, descreviam seus atributos físicos e culturais e delineavam o perfil de missivista que estavam à procura. A princípio, esses breves anúncios eram gratuitos, mas vieram a ser cobrados durante o cenário de crise financeira que marcou os meses finais do jornal. A única condição imposta para a publicação se referia ao tamanho do texto, que deveria ser muito curto por razões topográficas.

"Troca-Troca" começou a ser veiculada em novembro de 1979, acompanhando as seções "Literatura", "Reportagem", "Ativismo", "Tendências", "Entrevista", "Ensaio" ou "Esquina", a depender da edição, até dezembro de 1980. A partir de janeiro de 1981 e até a última edição do jornal, em junho do mesmo ano, a seção passou a estar com "Cartas na Mesa" nas primeiras páginas do jornal.

À vista disso, as cartas de leitores do *Lampião da Esquina* são específicas: caracterizam-se não apenas pela referência, como o típico modelo de carta de leitor dos meios de informação impressos, reservado a tratar exclusivamente de questões referentes ao conteúdo veiculado anteriormente, mas também pela escrita de si, "[...] com informações pessoais, reflexões e expressões de sentimentos, servindo, na linha foucaultiana, de coincidência do olhar do outro e daquele que se volve para si próprio simultaneamente para um e para o outro [...]" (Kohlrausch, 2015, p. 151).

Ao estudar a escrita de si nas missivas de Sêneca e Marco Aurélio, sobretudo, Michel Foucault (2004, p. 157) entende que "[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo [...]", na qual "[...] é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo [...]", a saber: "[...] as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias" (Foucault, 2004, p. 157).

Nesse aspecto, as cartas de leitores do *Lampião* se aproximam das cartas pessoais, embora violem as condições deste gênero, visto que

[...] as cartas pessoais não são para serem divulgadas e quando o são podem gerar problemas, como por exemplo, o rompimento das relações entre os interlocutores. As cartas de leitores, por outro lado, caracterizam-se como textos para publicação. Embora dirigidas a um destinatário, no caso, a redação, elas remetem para a comunidade de leitores, isto é, todo aquele que

quiser ler, cabe apenas a abrir a revista ou o jornal na seção de cartas dos leitores. Ou seja, enquanto as cartas pessoais protegem o dizer do seu autor; as cartas de leitores o expõe (Assunção, 2007, p. 670).

Em *Suas Cartas, Nossas Cartas*, Silviano Santiago (2006, p. 61) sublinha que “Ao invadir a intimidade da letra epistolar, estamos sendo, antes de tudo, transgressores”. Por sua vez, a letra epistolar lampiônica nos oferece publicamente a intimidade do seu autor.

De acordo com Angela de Castro Gomes (2004, p. 17), o uso da metáfora de um “teatro da memória”, na qual o indivíduo é tomado como personagem de si mesmo, é bastante recorrente nos estudos sobre escrita de si, “[...] situando esse tipo de escrita como um palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do indivíduo moderno encontraria espaço privilegiado”. A pesquisadora ressalta que o significado do ato de escrever a respeito da própria vida e a vida de outro, de escrever cartas, dá-se em contornos sócio-históricos particulares. Mesmo que toda escrita de si deseje reter o tempo num “lugar de memória”, a sua prática é estimulada por determinadas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo, são textos que se voltam para o registro de “[...] um período percebido como excepcional” (Gomes, 2004, p. 18).

A considerar o excepcional período da história brasileira, no qual o *Lampião da Esquina* foi criado, final da década de 1970 e início dos anos 1980, buscamos investigar as seguintes questões: em que condições sócio-históricas as cartas de leitores do referido jornal foram escritas? Quais eram os seus objetivos? Quem era o leitor que escreveu/leu essas cartas? Que assuntos/temas elas envolviam?

Para a presente análise, selecionamos as cartas enviadas pelos leitores nas quais há uma encenação do “eu”, isto é, uma escrita de si, uma narrativa de si. Apesar do *Lampião* ser de fácil acesso, optamos por reproduzir excertos do jornal, sobretudo da correspondência lampiônica, por se tratar de uma pesquisa em fontes primárias, mas não se procederá à atualização ortográfica.

EM TEMPOS DE *LAMPIÃO*

À época, a percepção do Conselho Editorial do jornal *Lampião da Esquina*, a respeito da conjuntura sociopolítica do país, era de que “Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 7). É assim, em tom de manifesto, que se inicia *Saindo do gueto*, texto publicado na seção “Opinião”, na edição piloto do *Lampa*. Naquele momento, o espectro de uma abertura do discurso político rondava o Brasil: “Em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 7); de “[...] intensificação das campanhas pela redemocratização e a reorganização dos diversos movimentos sociais (feminista em 1975; estudantil em 1977; negro em 1978; sindical também em 1978)” (Quinalha, 2022, p. 107).

Como se pode notar, trata-se de um período excepcional. A título de reflexão sobre os primórdios de uma organização política dos homossexuais brasileiros, Renan Quinalha (2022) recupera um trecho da entrevista de Celso Curi ao *Lampião*, no qual o jornalista afirma: “Quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual, da boate para o táxi, do táxi para a sauna. No Brasil nem movimento de manicure é possível” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 7). Quinalha destaca na resposta do jornalista uma interessante distinção entre movimentação e movimento, ao argumentar que as subjetividades homossexuais já marcavam presença, uma movimentação, na história do Brasil muito antes da emergência de quaisquer siglas, ao menos desde o violento processo de colonização, como podemos ver no histórico e monumental *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, de João Silvério Trevisan.

Com o passar dos anos, relata o pesquisador, muitos foram os territórios físicos e simbólicos que serviram de palco para uma sociabilidade: pontos públicos de “pegação”, apartamentos privados, clubes fechados, saunas, boates etc. “No entanto, esse processo era incipiente, e seus efeitos não eram acessíveis a pessoas mais pobres” (Quinalha, 2022, p. 107). A partir das interações experienciadas no bojo dessa subcultura, produziram-se modos diversos de uniões e associativismos, fundamentais

para que uma organização política na forma de um movimento social pudesse ser produzida. Em solo brasileiro, os esforços para uma mobilização política homossexual frutificaram apenas na década de 1970 (Quinalha, 2022).

Panfletos e pequenos jornais, na maior parte das vezes artesanais e, ou, modestos, foram importantes veículos para circular informações, conectar pessoas numa verdadeira esfera pública e constituir identidades individuais e coletivas, apesar do enorme conservadorismo moral (Quinalha, 2022). As preocupações centrais nesse período, fim dos anos 1970 e meados da década de 1980, designado por Quinalha como o primeiro ciclo do movimento homossexual brasileiro ou “Ciclo da afirmação homossexual e combate à ditadura”,

[...] passavam pela construção e a armação de uma identidade homossexual mais estabilizada. Não por outra razão, os grupos serviam como espaço de acolhimento coletivo, nos quais os indivíduos encontravam segurança para se assumir e se revelar entre pares, em um autêntico processo de criação coletiva de consciência sobre as formas de existência homossexual (Quinalha, 2022, p. 107).

De acordo com Paulo Souto Maior e Joana Maria Pedro (2021), o conceito de homossexualidade no Brasil passou por mudanças profundas nos anos 1970. Nesse processo, a chamada imprensa nanica, como o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), as ações de militantes homossexuais organizados em grupos, como o Somos (1978-1984) e o Grupo Gay da Bahia (1980-), desempenharam um papel decisivo. Nessa mesma década, ressaltam os autores, uma identidade homossexual começava a ser gestada, a qual deveria ser mostrada com orgulho e felicidade, abandonando os lugares da vergonha.

“Para existir fora da tristeza, da solidão que foram fabricadas como o lugar do homossexual enrustido, era preciso se assumir” (Souto Maior; Pedro, 2021, p. 334). Porém, antes disso, “[...] indivíduos precisam se identificar, aceitar-se para, em seguida, se assumir publicamente. Aceitar-se e assumir-se foram fatores decisivos na subjetividade da experiência homossexual no final dos anos 1970” (Souto Maior; Pedro, 2021, p. 334). Entretanto, é importante destacar que

Essa identidade se formulava inerte e excludente. A identidade homossexual, do mesmo modo que veio tentar demolir os muros que separavam os

homossexuais do restante da sociedade, acabou por criar outros muros entre os que se reconhecem ou não homossexuais, se assumem ou não (Souto Maior; Pedro, 2021, p. 334-335).

“Normalmente o Lampião ficava escondido na própria banca. Então o ato mesmo de comprar o jornal era uma espécie de saída do armário, uma forma de assumir”, conta João Silvério Trevisan (Péret, 2011, p. 125).

Em *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), James Naylor Green explicita como se dava a formação daquilo que ele denominou de comunidade imaginária dos homossexuais brasileiros, apropriando-se do conceito proposto por Benedict Anderson. Uma comunidade é imaginada, entende Anderson (2008, p. 32), “[...] porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”. Green observa que a construção de uma comunidade entre homossexuais e o início da formação de uma identidade cultural refletiam-se nas páginas do jornal *O SNOB* (1961), reconhecido como um importante incentivador para o surgimento de outras publicações homossexuais, o pioneiro entre os nanicos gays.

A considerar a conjuntura das subculturas homossexuais do Rio de Janeiro e de São Paulo, nos anos 1950 e 1960, “[...] a ideia de uma comunidade imaginária, emprestada de Benedict Anderson, está ligada a um sentimento de conexão com outros que compartilhavam uma experiência similar de marginalidade social” (Green, 2000, p. 317). Assim, explica o historiador, “[...] fortes laços podiam se desenvolver entre pessoas praticamente estranhas que se conhecessem na praia, em pequenas festas ou eventos culturais [...]”, ou em seções de cartas de leitores, como “Cartas na Mesa”, “[...] não apenas por causa de atração sexual, mas também como resultado de uma afinidade baseada em sua necessidade comum de enfrentar uma sociedade relativamente hostil” (Green, 2000, p. 317).

Uma rica visão do que pensavam, como viviam e que identidades os homossexuais assumiam ou deixavam de assumir é oferecida pela possibilidade de diálogo entre leitor e jornal e entre leitor e outros leitores (Simões Júnior, 2006); diríamos, entre lampiônico e *Lampião da Esquina* e entre lampiônico e outros lampiônicos. “Cartas na Mesa” é um “[...] espaço privilegiado e representativo das

múltiplas identidades homossexuais [...] no Brasil do fim da ditadura”; nessas cartas e por meio delas, “[...] o leitor se expõe – ainda que sob anonimato –, se reconhece no pertencimento a um grupo e percebe o jornal enquanto espaço que anuncia o discurso e a postura desse mesmo grupo para fora do gueto” (Simões Júnior, 2006, p. 13).

CENAS LAMPIÔNICAS

Um modo de “ler” e “ver” a correspondência selecionada passa por entender o seu tipo específico de discurso, marcado pela escrita de si e pelo cuidado no estabelecimento de relações pessoais, como “[...] um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização”, estabelecidos numa “[...] narrativa plena de imagens e movimentos, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro”; e como “[...] um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais e afetivas” (Gomes, 2004, p. 21).

O primeiro personagem a deambular nessas cenas é Infante, um menor de 17 anos com planos suicidas. Os irmãos só lhe dirigem deboches, o pai o detesta, a mãe vive chorando pelos cantos a lamentar pelo filho, que considera ser um doente. Motivo de chacota no colégio e no bairro, o adolescente deseja fugir de Recife, mas não tem os recursos necessários para tal. Infante conta como entrou em contato com o *Lampião*, clandestinamente: “Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 14). A carta termina com um pedido de ajuda: “Agora estou escrevendo, mas nem sei para quê. Será que vocês podem me ajudar?” (*Lampião da Esquina*, 1(0), 1978, p. 14).

Em *Longe de Curitiba*, as linhas de Carlos N., 30 anos, membro de uma congregação religiosa e uma família preconceituosa, também pedem ajuda ao *Lampião*. Muito tímido, homossexual não assumido, “[...] os poucos que tenho não sabem que sou viado. E se souberem, a amizade morre, pois Curitiba é uma cidade provinciana”, Carlos N. solicita ao jornal que lhe envie endereços de leitores para que possa ter com quem se abrir: “Se souber do endereço por carta de algumas pessoas

daqui de Curitiba e me enviar, muito grato ficarei” (Lampião da Esquina, 2(15), 1979, p. 18).

Publicada em agosto de 1979, a carta de Carlos N. motivou C. C. a escrever ao *Lampa*, dois meses depois: “Eu gostaria de entrar em contato com esse rapaz já que moramos na mesma cidade, mas como não sei o seu endereço, tomo a liberdade de solicitar a vocês que remetam a ele a carta anexa e que já vai devidamente selada” (Lampião da Esquina, 2(17), 1979, p. 19). Esse tipo de pedido feito pelos leitores curitibanos era recorrente na correspondência de “Cartas na Mesa”, no período que antecede a criação da seção de anúncios “Troca-Troca”, conforme já comentado.

Curitiba, alone vem a corroborar o diagnóstico de Carlos N. a respeito da vida provinciana: “O que ele diz é verdade, embora Curitiba já seja uma metrópole, ainda há muito preconceito, principalmente por parte das pessoas mais velhas” (Lampião da Esquina, 2(17), 1979, p. 19). C. C. se enxerga numa condição semelhante à de seu conterrâneo: “A gente enfrenta uma barra pesada e por isso é difícil assumir numa boa. É repressão pelos familiares, no emprego e nos meios que a gente frequenta. [...] E fugir para onde?” (Lampião da Esquina, 2(17), 1979, p. 19).

Made in Campinas conta a história dos atores transformistas João Carlos e Paulo Sérgio, que dão vida às personagens Wandeca Lampião e Miloca Esquina, respectivamente. Porta-vozes do jornal, os jovens irmãos escrevem ao *Lampa* a fim de mostrar que também há alegria e comunhão no cotidiano dos homossexuais: “Como aqui em Campinas não encontram nas bancas o nosso jornal, o que fazemos quando estamos aí pela capital? Damos uma de Sarita Montiel¹, só que, em vez de violetas, levamos Lampião para os amigos que pedem” (Lampião da Esquina, 2(18), 1979, p. 18). No mais, os rapazes informam que estão preparando “[...] uma fantasia para o carnaval que vai homenagear o nosso grande Lampião”, desejam ao jornal sucesso e força para aguentar a barra, “[...] e vai também uma foto tirada com todo carinho e ternura para vocês. Beijos para todos, principalmente para Rafaela”² (Lampião da Esquina, 2(18), 1979, p. 18).

¹ Em 1958, a atriz e cantora espanhola Sarita Montiel protagonizou *La violetera*, filme dirigido por Luis César Amadori, no qual deu vida a Soledad, uma jovem que vende violetas pelas ruas madrilenhas.

² Rafaela Mambaba era uma personagem fictícia, criada pelos editores do *Lampião*, responsável por tecer “comentários ferinos” na seção “Bixórdia”, “[...] uma apimentada ‘coluna social’ criada a partir da edição 05 de outubro de 1978” (Simões; Facchini, 2009, p. 88-89 *apud* Gonçalves, 2022, p. 142).

Cinco meses depois, em abril de 1980, Miloca aparece sozinha para dar algumas atualizações. Uma fotografia da senhorita Esquina, caracterizada de Marilyn Monroe, abre a edição 23 de “Cartas na Mesa”:

Alô amigos Lampiônicos, aqui quem escreve é a “Miss Copacabana 80”, ou Miloca da Esquina, agora conhecida como Marylin Monroe [sic], com este último nome fui aclamada no domingo de carnaval na conhecida e badalada “Bolsa de Valores”. [...] A distribuição do jornal aqui em Campinas está ótima, fiquei surpresa ao passar por uma banca no centro da cidade e ver o tão desejado jornal colocado em destaque, aproveitei para informar a todos os amigos que logo adquiriram um exemplar (Lampião da Esquina, 2(23), 1980, p. 18).

A *miss* campineira ainda queixa-se: “E aqui vai uma reclamação, porque só não vi os fotógrafos de nosso querido ‘Lampião’, mas vai minha compreensão, pois quem é que gosta de trabalhar estes dias? Todos querem é brilhar”; relata ter conhecido um dos editores do jornal: “Aproveito para mandar um beijo especial para o Darcy Penteado, que estava assistindo ao concurso; realmente um grande valor, o qual me deixou muito emocionada em ter conhecido pessoalmente”, e finaliza a missiva com um pedido: “Gostaria muito que vocês publicassem fotos do concurso da bolsa de valores e do baile dos enxutos dos São José onde eu estou com a Faixa de Miss Copacabana 80” (Lampião da Esquina, 2(23), 1980, p. 18).

“Querido Amigo Lampião: Escrevo esta porque estou me sentindo muito só (Lampião da Esquina, 2(19), 1979, p. 19). É dessa maneira que Penny, uma jovem universitária, muito tímida e romântica, dirige suas primeiras linhas ao *Lampa*, em dezembro de 1979. A leitora diz esperar ansiosamente por cada número do jornal desde que o conheceu, “[...] de ter as cartas, de saber que não sou só eu” (Lampião da Esquina, 2(19), 1979, p. 19). Percebendo-se na solitária do armário, sem amigos ou familiares, sem alguém próximo para confiar as suas intimidades, a carioca risca um desabafo: “Se não fosse a faculdade, não sei se suportaria essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é o meu feminino singular e que vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar tão só numa cidade como esta” (Lampião da Esquina, 2(19), 1979, p. 19).

Em março de 1980, A. O. escreve ao *Lampião* relatando ter conhecido Penny pessoalmente, a autora da cartinha tímida pela qual se apaixonou, “[...] por razões

que nem a nossa vã filosofia pode explicar” (Lampião da Esquina, 2(22), 1980, p. 19). Pouco tempo depois, as cariocas tornaram-se melhores amigas, passavam a maior parte dos dias juntas ou penduradas horas a fio no telefone. A. O. conta que levou Penny ao show da cantora Ângela Ro Ro e ao bar Acapulco, lugares de público majoritariamente homossexual, onde ela pôde se soltar um pouco mais. Confusa e apaixonada, a amante quer se declarar à amada, por isso escreve também em busca de uma orientação:

Sei que vocês não gostam de dar conselhos, mas gostaria que me orientassem pois estou completamente maluca, sem entender nada, e não tenho com quem me abrir. [...] Gostaria que publicassem essa carta mesmo com o risco dela perceber de imediato. E se isso acontecer, que ela saiba que eu a amo de verdade, que não quero ser platônica, quero ser verdadeira, que quero fazê-la real dentro do meu ser. Ela dizia na carta que a solidão é o seu feminino singular; pois bem digo nessa que quero fazer dela o meu feminino plural (Lampião da Esquina, 2(22), 1980, p. 19).

Em *O drama do Cacá*, carta publicada em julho de 1979, acompanhamos a história de Cacá, que está a enfrentar o luto: a sua querida Maria Cristina não resistiu ao acidente de carro que o casal sofreu havia alguns meses. Residente de São Paulo, Cacá relata que recebeu o jornal de uma amiga: “Cacá, enxugue as lágrimas e curta o Lampião, ele vai iluminar o seu coraçãozinho; este jornal poderá lhe devolver suas esperanças pela morte do seu caso!” (Lampião da Esquina, 2(14), 1979, p. 18). No vazio do seu apartamento, rememora os detalhes do acidente, o quanto foi difícil e doloroso atravessar aqueles dias tempestivos entre a sua casa e o hospital, nos quais desafogava sua dor entre o Cachação, o Dinossauru’s e o Ferro’s Bar, importantíssimos espaços de socialização lésbica da época, e os anos de relacionamento:

Nós nos amamos desde que nos vimos pela primeira vez, depois de dois dias começamos nosso caso, e esse durou até a morte, ela foi minha rainha por três anos (1095 dias) de felicidades, eu fui a sua heroína até seu último suspiro. É, Lampa. Desculpe, tá, eu te contar tudo isso, mas você me deu um pouco de coragem. Desculpe essa letra horrível, eu estou com o braço direito imobilizado, com gesso na virilha até o pescoço mas acho que a vida, ao mesmo tempo, tem que ser tocada para frente. Me escreva, por favor. Um abraço de Cacá (Lampião da Esquina, 2(14), 1979, p. 18).

Quase um ano depois, em *Cacá sumiu*, publicada em junho de 1980, a carioca Beth conta que, após ler a emocionante carta de Cacá, decidiu entrar em contato e passou a trocar cartas com a jovem. Agora, sem ação, atônita e com o coração machucado pelo desaparecimento da amada correspondente, Beth escreve ao *Lampião* com a esperança de obter alguma novidade sobre Cacá, “[...] uma garota de uma força incrivelmente estranha e imensa, [que] me fez renascer de um passado triste, [que] me devolveu a vontade de amar e me entregar a esse amor” (*Lampião da Esquina*, 3(25), 1980, p. 19). Reduzido a cartas, dois retratos, um cachorrinho de pelúcia, a lembrança de alguns telefonemas e uma angústia imensa. Observa-se a partir dos casos de Penny e A. O. e de Cacá e Beth, por exemplo, como as interações entre os leitores ultrapassaram os limites do universo de “*Cartas na Mesa*”.

O vibrante R. C. começa a sua carta tomado por um sentimento de irmandade: “Meus irmãos, acabo de ler o nº 5 dessa maravilhosa publicação que, embora impressa em preto e branco, para nós, gays, é ilustrada em cores maravilhosas e cintilantes, como a vida parece ser” (*Lampião da Esquina*, 1(6), 1978, p. 15). O carioca diz vibrar de satisfação quando vai à banca de jornal comprar o que considera ser as suas verdades, “[...] para mim é como se fosse um novo dia mesmo que está nascendo”, que isso o faz se sentir feliz de poder ler algo que se refere à sua condição de vida, “[...] neste planeta terra, tão cagado pelo arcaico e medieval preconceito que o homem espalhou no mundo” (*Lampião da Esquina*, 1(6), 1978, p. 15).

Por temor de se assumir homossexual, R. C. admite não se sentir realizado: “Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza que têm um amigo que vive frustrado”, o tempo todo a pensar, “o que será que os outros vão dizer?” (*Lampião da Esquina*, 1(6), 1978, p. 15). Arriscando uma saída, consola-se: “Não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo” (*Lampião da Esquina*, 1(6), 1978, p. 15).

Sentindo-se também irmanada, R. Andrade declara: “Para mim é um alento ter o *Lampião* porque sinto-me em irmandade com milhares de outras pessoas” (*Lampião da Esquina*, 2(19), 1979, p. 18). A leitora relata que, durante quase toda a vida, foi uma pessoa insegura, acreditava que o fato de ser homossexual fosse a pior desgraça

de todas. Após anos de sofrimento, comemora: “Já consegui fazer amigos homossexuais, já não sofro tanto e tenho uma imensa vontade de escrever e criar coisas”, e aproveita para enviar à comunidade lampiônica “[...] um pequeno poema que fiz em homenagem ao meu amor, [...] acredito que as lampiônicas irão gostar. Meu abraço afetuoso” (Lampião da Esquina, 2(19), 1979, p. 18).

Em uma carta sem assinatura, publicada em novembro de 1979, um missivista confessa sobre o seu amigo-amor: “Estamos na Universidade como professores, [...] assumimos para nós (eliminamos os nossos problemas mais graves), mas, não ousamos assumir em relação ao mundo” (Lampião da Esquina, 2(18), 1979, p. 19). Os passionários desejam ir para além dos muros da identidade, entretanto, sem ousar uma travessia em público: “Na verdade, estamos isolados. Gostaríamos de sair da toca, não assumindo publicamente, mas, discutindo com outros homossexuais problemas sociais e políticos em geral com uma abordagem homossexual” (Lampião da Esquina, 2(18), 1979, p. 19).

Nesse conjunto de imagens e movimentos de “Cartas na Mesa”, notamos o cotidiano e as “interferências da alma e do corpo” (Foucault, 2004, p. 157): a necessidade e a excitação em trocar cartas; a solidão e a alegria; os amores e os desamores, os encontros e os desencontros de almas em desassossego. Observamos também a união e o associativismo, “[...] esse adensamento de uma comunidade que interseccionava planos distintos da existência dessas pessoas, tais como prazer, diversão, afeto, amizade e cuidado” (Quinalha, 2022, p. 105).

A linguagem e o vocabulário empregados nas missivas sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que estava em jogo, que pode ser percebida nas formas de tratamento (“Querido Amigo Lampião”; “Alô amigos lampiônicos”; “Meus irmãos”) e nas despedidas (“Um abraço”; “Meu abraço afetuoso”; “Beijos para todos”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seção de cartas de leitores do *Lampião da Esquina* funcionava como um legítimo espaço de contato e visibilidade para uma comunidade que se preocupava em constituir, afirmar e estabelecer identidades homossexuais, individuais e coletivas.

Para todas as almas que vimos vagar desassossegadamente no recorte apresentado do universo epistolar do jornal, necessitadas e excitadas, tristes e solitárias, alegres e orgulhosas, furiosas e corajosas, apaixonadas e frustradas, que se reconhecem e se assumem ou não homossexuais, uma maneira de estabelecer uma conexão significativa com outros, que se identificavam pela experiência de marginalidade social, fazia-se pela correspondência.

Em “Cartas na Mesa”, as pessoas sentiam-se relativamente seguras para tratarem de si, colocando-se possibilidades, diferentes formas de existência enquanto homossexual. Reconhecemos nesses fragmentos assuntos/temas inéditos e, ou, proibidos na grande imprensa à época, os quais marcaram a subjetividade da experiência homossexual no final da década de 1970 e início dos anos 1980, fatores decisivos como aceitar-se e assumir-se.

Tesouro nacional, as páginas do *Lampião* guardam parte da história da humanidade, afinal de contas, elas não dizem respeito à história de uma minoria. Guardiões da memória dos primeiros soldados, daqueles que afiaram as lâminas para habitarmos uma arena de disputas, montada à nossa revelia, o *Lampa* não foi apenas um jornal, mas força pura de vida.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSUNÇÃO, A. L. Cartas de Leitores: reescrita e condições de produção de um gênero midiático. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., Tubarão, 2007, **Anais [...]**. Santa Catarina: UNISUL, 2007. p. 662-674. Disponível em: https://www.academia.edu/4631975/CARTAS_DE_LEITORES_REESCRITA_E_CONDI%C3%87%C3%95ES_DE_PRODU%C3%87%C3%83O_DE_UM_G%C3%8ANERO_MIDI%C3%81TICO. Acesso em: 20 mar. 2025.

CARDOSO, M. R. Carta de leitor: Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. *In*: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 333-339.

COMTE-SPONVILLE, A. A correspondência. *In*: COMTE-SPONVILLE, A. **Bom Dia, Angústia!** Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 35-44.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

GOMES, A. C. Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo. *In*: GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p. 7-23.

GONÇALVES, A. Entre bichas e bofes: o auê das palavras no jornal Lampião da Esquina (1978-1981). **Revista Anômalas**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/ra/article/view/74493>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KOHLRAUSCH, R. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si. **Letrônica**, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em:

LEJEUNE, P. A quem pertence uma carta? *In*: LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet**. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 251-254.

MORAES, M. A. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**, v. 4, n. 2, 2009.

PÉRET, F. **Imprensa gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SANTIAGO, S. Suas Cartas, Nossas Cartas. *In*: SANTIAGO, S. **Ora (direis) puxar conversa**: ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 59-95.

SIMÕES JÚNIOR, A. C. **"...E havia um lampião na esquina"** – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980).

2006. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOUTO MAIOR, P.; PEDRO, M. J. "Há possibilidade de eu me transformar em homossexual?": A esfera privada da interpelação homossexual no Brasil (1979-1981). *In*: SOUTO MAIOR, P.; SILVA, F. R. (orgs.). **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, p. 320-352.

TREVISAN, F. "Contra a moral e os bons costumes": o jornal Lampião da Esquina, os homossexuais e a direita política. *In*: SOUTO MAIOR, P.; SILVA, F. R. (orgs.). **Páginas de transgressão**: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, p. 213-240.

Fontes

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, número experimental, abr. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/1217/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, nov. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2316/10-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-06-NOVEMBRO-1978.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, jul. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2528/18-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-14-JULHO-1979.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, ago. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2576/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 17, out. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2647/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, nov. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2647/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>

[items/1104/2779/22-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-18-NOVEMBRO-1979.pdf](https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/2779/22-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-18-NOVEMBRO-1979.pdf). Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, dez. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/3007/23-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-19-SEZEMBRO-1979.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, mar. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4507/26-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-22-MARCO-1980.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, abr. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4542/27-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-23-ABRIL-1980.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, jun. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/tainacan-items/1104/4632/29-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-25-JUNHO-1980.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.